

Representações da nação: a morte e os funerais de Tancredo Neves

Douglas Attila Marcelino*

Resumo:

Esta pesquisa estuda a morte e os funerais de presidentes brasileiros republicanos como instrumentos para a análise das reconstruções de uma memória política nacional, entendendo tais episódios como momentos favoráveis para a produção de uma certa biografia do morto ilustre e para a reconstrução de uma determinada versão da história do país. Este texto centra-se no caso de Tancredo Neves. A morte do presidente eleito, às vésperas da chamada “Nova República”, teve um papel importante na ampla veiculação de uma representação da nação com forte carga emocional e alto grau de identificação coletiva. Paralelamente, consolidava-se uma imagem de Tancredo Neves como o único capaz de promover a superação da crise política nacional.

Palavras-chave: Tancredo Neves; memória nacional; Nova República

Abstract:

This research studies the death and the republican Brazilian presidents' funerals as instruments for the analysis of the reconstructions of a national political memory, understanding such episodes as favorable moments for the production of a certain biography of the illustrious dead and for the reconstruction of a certain version of the history of the country. This text is centered in the case of Tancredo Neves. The elect president's death, on the eve of the call "New Republic", had an important paper in the wide projection of a representation of the nation with strong emotional load and high degree of collective identification. On the other hand, an image of Tancredo Neves as the only capable of to solve the national political crisis it was built.

Key-words: Tancredo Neves; national memory; New Republic

Primeiro com a morte de João Pessoa, que nos deixou em 26/07/1930. Depois por Getúlio Vargas, que partiu em 25/08/1954. O terceiro foi Juscelino, ou JK, em 22/08/76 e, finalmente, o Dr. Tancredo Neves, em 21/04/85. O Brasil chora. Esta mensagem deve ser cantada no tom do hino à Bandeira.¹

É possível discernir duas importantes dimensões nas representações que, veiculadas na conjuntura marcada pela doença e pela morte de Tancredo Neves, remetem para sua individualização ou excepcionalidade. Uma delas, refere-se diretamente ao papel do homem público Tancredo Neves, sua conformação como um estadista e, em última instância, o que poderíamos chamar da sua rápida constituição como um herói nacional dentro do nosso

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e bolsista do CNPq.

¹ Homenagem a Tancredo Neves deixada em seu túmulo, na Igreja de São Francisco de Assis, em São João del-Rei. Sem local e data. Fot. 0582, rolo 41, CTN pm c 1985.04.23, CPDOC/FGV.

precário panteão de heróis cívicos.² Outra dimensão, por outro lado, relaciona-se com sua imagem santificada, alimentada, entre outros, pela intensa valorização e reiteração pelos meios de comunicação (notadamente pelo meio televisivo) de elementos exemplificadores de sua fé e devoção católica. Uma outra importante faceta da imagem de Tancredo Neves refere-se à sua humanização, ou ao que poderíamos chamar de uma espécie de “privatização” da figura do presidente da República. Diferentemente das duas anteriores, entretanto, ela não se relaciona a uma suposta excepcionalidade, mas sim à aproximação de Tancredo com aquilo que caracterizaria o “homem comum”, aspecto impossível de aprofundarmos nos limites deste texto.

Claro está, por outro lado, que tais dimensões podem ser distinguidas somente como um recurso analítico, estando intrinsecamente relacionadas na maioria das narrativas e representações construídas sobre o personagem histórico tratado. Assim como outras importantes figuras cujo significado simbólico foi remetido de algum modo à própria identidade de uma nação, no caso de Tancredo Neves também puderam conviver o espaço do santo e do herói, sem que uma nítida linha divisória pudesse ser estabelecida entre uma e outra atitude.³ Mas, por ora, nos interessa particularmente a primeira faceta de sua imagem, ficando para outro momento a análise das representações de algum modo sacralizadoras da sua figura, que impulsionaram a crença na santidade da sua alma - ou, como chamado pelos próprios populares ditos seus devotos, na sua “alma santa”, “bondosa e milagrosa”.⁴

De fato, a constituição de um determinado personagem em herói nacional geralmente conforma-se como um processo de longa duração, sendo possível, em muitos casos, datar a primeira representação que dá início a tal construção como algo bem posterior à sua morte. Esse é o caso, por exemplo, daquele que ainda figura como o maior de nossos heróis cívicos, o Tiradentes. Sua imagem mitificada começou a ganhar mais projeção somente com o advento do regime republicano, havendo um “lapso” de cerca de cem anos que separa seu quase anonimato da imagem de Mártir da Independência e da República que lhe foi atribuída. São bastante conhecidas, nesse sentido, as comparações de Tiradentes com a figura sacrificial

² Em texto recente, Lúcia Paschoal Guimarães destacou como as tentativas de acentuar o cunho cívico à figura de D. Pedro II nas primeiras décadas do século XX se chocavam com a inexistência, no Brasil, de um *Panthéon* para “servir de jazigo aos filhos ilustres da nação” (assim como já acontecia em muitos países europeus). Além disso, naquele momento, “a morte dos homens públicos carecia de um ritual próprio, que despertasse sentimentos patrióticos”. (GUIMARÃES, 2006: 143-159).

³ Ver as análises de Lucette Valensi sobre o mito criado em torno de D. Sebastião, em Portugal. (VALENSI, 1994: 188-190).

⁴ Tais expressões encontram-se em duas cartas deixadas no túmulo de Tancredo Neves, na Igreja de São Francisco de Assis, em São João del-Rei, Minas Gerais. Ver os fotografamas 0768 e 0803, rolo 41, CTN pm c 1985.04.23, CPDOC/FGV.

de Jesus Cristo, imortalizada num dos famosos quadros de Pedro Américo, assim como as análises que procuraram dar conta desse e de outros elementos do amplo e sempre conflituoso processo de construção mítica que envolveu sua personagem histórica (CARVALHO, 1990 e MILLIET, 2001).⁵

Assim, não é de estranhar que a morte de Tancredo Neves, justamente na data correspondente àquela na qual o inconfidente foi vitimado, impulsionasse o regate da sua figura e a comparações entre ambos. Nesse sentido, os elementos e a força simbólica dessa comparação como elementos de análise, certamente relevantes para a compreensão das conformações do imaginário político nacional, discrepam do caráter pouco inusitado da formulação de analogias. O que impressiona, entretanto, é a alçada de Tancredo Neves a herói nacional em pouquíssimo tempo, assim como uma relativamente rápida desapareção da sua imagem idealizada dos horizontes políticos. Certamente, tal questão está relacionada com a problemática do papel da mídia numa “sociedade do espetáculo” e daquilo que se tem chamado de uma “cultura da memória”, como algo que caracterizaria o pós-1980.

A intensa mobilização das atenções da população brasileira para determinados acontecimentos (a campanha e a eleição presidencial e, particularmente, a doença e a morte do candidato eleito no momento seguinte), feita a partir de uma transmissão televisiva quase a tempo inteiro, assim como a ausência de grandes comemorações ou lembranças relacionadas a Tancredo na década seguinte, são temas complexos, que merecem análises bastante acuradas e cuidadosas. É possível, entretanto, adiantar algumas importantes indagações que terão que perpassar esse tipo de reflexão: como relacionar tais aspectos com o caráter supostamente efêmero que hoje assume a construção de memórias? A proliferação de memórias transmitidas pela mídia digital tornou o “evento morte de Tancredo Neves” rapidamente esquecido? Tais aspectos são sintomas de uma “sociedade amnésica” da era digital, que vive sob o paradoxo da veiculação ininterrupta de memórias e do perigo constante do esquecimento? Difíceis de responder, tais questões estão no cerne do processo de construção de representações sobre personagens históricos e, portanto, sobre a própria constituição dos fundamentos de uma memória política nacional na atualidade. Nesse sentido, a dificuldade mencionada não pode impedir uma tentativa de enfrentamento mais minucioso do problema. Entretanto, os limites deste texto tornam impossível aprofundá-las. Nos centraremos aqui apenas num dos aspectos importantes da constituição da imagem heroificada de Tancredo Neves: sua comparação com Tiradentes e Getúlio Vargas.

⁵ Refiro-me ao quadro *Tiradentes esquartejado*, atualmente no Museu Mariano Procópio, em Minas Gerais, mas é claro que várias outras pinturas associaram sua figura com a de Jesus Cristo.

Tancredo como Tiradentes e Getúlio: a luta pela libertação do país como fundamento da identidade nacional

A expressiva popularidade de Tancredo Neves já se mostrava estabelecida antes mesmo da sua doença e morte, pois a campanha pelas eleições diretas em que teve participação importante e sua eleição pelo Colégio Eleitoral foram acompanhadas de substantivas mobilizações populares. Não obstante, como destacaram certos analistas, a campanha em favor do *Muda Brasil* já estava em si marcada pelo “fardo que lhe impôs a imagem pública do mal-menor” (em relação à claramente rejeitada opção Paulo Maluf, já bastante caracterizada por escândalos de corrupção), assim como Tancredo Neves nunca tinha sido considerado, até então, uma personalidade política carismática (SOARES, 1993: 154). Como reportou a revista *Veja*, em maio de 1985, tratava-se de uma trajetória surpreendente, pois ele somente ganhou sua primeira eleição majoritária em 1978, para senador por Minas Gerais, após mais de quarenta anos de vida pública e por uma margem apertada de votos. Quatro anos depois, quando eleito para governador do mesmo estado, também foi objeto de uma eleição bastante disputada, superando por pouco a quantidade de votos do candidato governista, Eliseu Resende.⁶

Foi somente a partir do movimento pelas eleições diretas, portanto, que seu nome angariou uma substantiva projeção em termos nacionais, mas, ainda assim, sua imagem como herói nacional na dimensão lograda somente pode ser explicada considerando sua internação e morte, após as sete cirurgias às quais foi submetido. Naquela conjuntura, conformaram-se alguns elementos de forte conotação simbólica no imaginário político nacional, que associaram sua figura àquelas de outros personagens caros à história do país, auxiliando sobremaneira na projeção de uma imagem de herói lutador em prol da libertação nacional. Esse é, sem dúvida, um dos importantes sentidos da comparação da sua trajetória com as de Tiradentes e Getúlio Vargas, dois personagens históricos cujas memórias foram fartamente solicitadas na conjuntura que marcou sua doença e morte.

⁶ Segundo a revista *Veja*, Tancredo venceu a eleição para o governo de Minas Gerais com 2,6 milhões de votos, contra 2,4 milhões de seu adversário. Sua vitória na eleição para Senador, por outro lado, teria sido conseguida graças ao “reforço dos magros 95.000 [votos] dados a um companheiro seu do MDB, Alferdo José de Campos Melo, inscrito numa sublegenda”. A revista destacava ainda que, ao candidatar-se para deputado estadual em 1945, Tancredo “só se elegeu de raspão, como o último da lista”. Ver “Suplemento histórico”, *Veja* nº 869, de 01 de maio de 1985, p. 08-09. (ver MENDONÇA, 2004: 81-82)

A comparação de Tancredo Neves com as figuras míticas de Tiradentes e Getúlio Vargas se explica, em parte, pela própria utilização que o político mineiro fez de suas memórias ao longo de sua carreira, inclusive nos anos que antecederam seu adoecimento. A participação em homenagens ao inconfidente, como a feitura de um discurso exaltando sua memória exatamente um ano antes da sua morte (em Ouro Preto), ou a recorrente menção a uma famosa frase sua (de que, se todos quiséssemos, faríamos do Brasil uma grande nação), assim como um suposto caráter libertário atribuído a Minas Gerais são aspectos que perpassaram a trajetória de Tancredo Neves.⁷ Do mesmo modo, ele nunca deixou de procurar constituir sua identidade política conforme aquilo que se acreditava caracterizar o político mineiro.⁸ E curiosamente, nesse sentido, a imagem da coragem na luta pela libertação nacional não se chocava com o espírito mineiramente conciliador e moderado atribuído à sua figura, o que também, segundo alguns analistas, não era de fato uma contradição no plano das suas convicções políticas (SILVA e DELGADO, 1985).⁹

No caso de Getúlio Vargas, por outro lado, é certo que sua atuação como ministro da Justiça, que inclusive teria se mantido “fiel ao governo” até seus críticos momentos finais, associou indiscutivelmente sua biografia àquela do ex-presidente gaúcho. Porém a exploração do personagem Getúlio Vargas, sem dúvida, ia para além do seu apreço pelo “Pai dos Pobres” e da sua participação no seu governo dos idos anos 1950. Ela estava fortemente ancorada na interpretação visivelmente positiva que fazia da luta nacionalista de Vargas, de algum modo encarnada na sua figura, e também podia ser percebida em momentos-chave, de forte cunho simbólico, como no discurso feito junto ao túmulo de Getúlio, em São Borja, em 24 de agosto de 1984 (na solenidade pelo trigésimo aniversário da morte do ex-presidente, Tancredo Neves opôs Getúlio à “potência da força, dos canhões, das metralhadoras”);¹⁰ ou, ainda, na utilização da caneta que ganhara de Vargas (e com a qual ele supostamente teria assinado a carta-testamento) quando da sua posse no governo de Minas Gerais.¹¹ A recorrência ao mito

⁷ Em 21 de abril de 1984, Tancredo Neves fez um longo discurso em homenagem a Tiradentes, em Ouro Preto, Minas Gerais. Naquele mesmo ano, ele ganhou o título de “Homem-Minas de 1984”. Ver, respectivamente, fotogramas 1367 a 1378, rolo 16, Classificação TN pi Neves, e fotogramas 0768 a fot. 0803, rolo 1, Classificação TN ad 1984.08.00, ambos do Arquivo Tancredo Neves, no CPDOC/FGV.

⁸ Vale lembrar, é claro, que Tiradentes era também nascido em São João del-Rei, assim como o fato de que outras importantes figuras históricas davam sustentação à convicção de que existia tal tradição libertária entre os mineiros (com destaque, certamente, o ex-presidente Juscelino Kubitschek, nascido em Diamantina).

⁹ Segundo Lucília Delgado e Vera Alice Silva, o caráter conciliador de Tancredo também não deveria ser compreendido como uma postura oportunista, mas se amparava em certas convicções sobre a política brasileira que ele conformou ao longo de sua vida pública.

¹⁰ “Tancredo exalta a memória de Getúlio em São Borja”, *Jornal do Brasil*, 24/08/84.

¹¹ Ver o vídeo “Posse de Tancredo Neves como governador do estado de Minas Gerais”, Classificação TN vídeo 013 (1h 59min 21s), 1983, Belo Horizonte, Arquivo Tancredo Neves, CPDOC/FGV. No discurso de posse,

Getúlio Vargas, portanto, ultrapassava uma lembrança desinteressada de aspectos biográficos. E, por conseguinte, ultrapassava também a própria mística presidencial praticamente inaugurada por Getúlio, haja vista seu papel como a grande figura política da República, cuja postura governamental certamente continuou atuando após sua morte como uma espécie forma de conduta esperada do estadista brasileiro (GOMES, 1998: 490-558).¹²

O aspecto mais forte da comparação de Tancredo Neves com Getúlio Vargas foi, sem dúvida, sua imagem como a daquele que morreu em favor da libertação nacional. Mas, se em Tancredo o tema principal era sua martirização, em Getúlio, a questão da traição tomava seu aspecto central. A idéia de traição, aliás, também já podia constituir-se como um importante elemento do imaginário político nacional, pois remetia à mencionada figura de Tiradentes (para além, é claro, do sempre revivificado mito cristão da traição à figura de Cristo, que ultrapassa barreiras nacionais). Não obstante, a diferenciada “trama” que envolveu a morte de Tancredo Neves certamente não impediu sua heroicização, pois ela remeteu a uma tópica igualmente cara à sua constituição como herói nacional: a de uma vida completamente submetida ao império da Providência. Nesse sentido, às reconstruções de sua biografia como a de um homem que surgiu com a missão de reconciliar a nação, poderia se assomar sua morte trágica, interpretada como um desígnio do destino com o objetivo de manter a união nacional em favor da superação dos graves problemas do país.¹³

De fato, a representação da morte pela pátria e de uma vida sob o império de forças para além das virtudes humanas conjuga-se, de certa forma, com a constituição de uma determinada versão da história nacional. Nesse sentido, a retomada de Tiradentes e Getúlio Vargas na conjuntura da morte de Tancredo Neves não deve ser compreendida apenas como um movimento de exaltação pura e simples da sua figura. Na maioria dos casos, ela se relacionava com a possível consolidação de uma versão anti-heróica, trágica e pessimista da história do país, na qual o valor messiânico atribuído a determinados personagens contrastava com a convicção de uma nunca alcançada autonomia nacional. É por isso, de fato, que tal associação geralmente se acompanhava de uma narrativa que supõe uma história marcada pelo entrave de uma exploração internacional, pretendendo uma suposta independência jamais conseguida. A morte de Getúlio Vargas, vale dizer, tinha auxiliado sobremaneira na consolidação dessa visão mítica da nossa história, haja vista a carta-testamento legada por

Tancredo Neves não deixou de mencionar a Inconfidência Mineira e a importância de Minas Gerais na luta pela soberania nacional.

¹² Ângela de Castro Gomes não atribui a constituição dessa mística somente à personalidade de Vargas, mas também aos condicionantes políticos do pós-30.

¹³ Recorro novamente ao livro de Lucette Valensi para essa discussão. Vale mencionar que a autora se amparou na obra de Bakhtin para destacar esse modelo de heroicidade (VALENSI, 1994: 189).

Getúlio ter se constituído como uma de suas principais versões, uma verdadeira narrativa lendária que dava sentido à história política do país. Assim como no caso de Tancredo Neves, a morte de Getúlio também se conformou como um momento importante no sentido de reforçar, reascender e mesmo metamorfosear certos mitos de fundação da nacionalidade, particularmente aquele da interrupção de nosso destino de nos tornarmos uma pátria livre das amarras que nos cercam.

Portanto, retomar Tiradentes e Getúlio Vargas quando da morte de Tancredo Neves correspondia a retomar essa narrativa lendária, reavivar sua força, acrescentar-lhe mais um capítulo. Constituía auxiliar na conformação de uma determinada versão da memória nacional, uma visão da nossa história, expressa na remissão a um certo passado (com um personagem principal e um evento fundamental escolhidos) que explica nosso suposto futuro de libertação ainda não alcançado. É interessante notar, nesse caso, como a releitura da atuação de Getúlio Vargas, por exemplo, se fazia a partir da exaltação de uma das dimensões da sua figura mítica, que corresponde menos à imagem do “Pai dos Pobres” do que àquela do lutador pela soberania nacional. Embora ambas estejam intrinsecamente ligadas (sendo sua distinção, um mero recurso analítico), é possível diferenciá-las e perceber como um, entre os vários sentidos direcionados ao personagem histórico Getúlio Vargas, ganhou proeminência naquele momento, provavelmente aquele que de fato mais auxiliou na sua transformação em mito nacional.¹⁴ Em outras palavras, a forte carga simbólica da morte de Vargas, sem dúvida, auxiliou na constituição da sua imagem como a de alguém que morreu pela libertação do país, possibilitando a identificação da sua trajetória com aquela da própria nação (ou seja, de uma luta obstinada por uma libertação cujo capítulo final compõe o cenário de uma tragédia). É nesse sentido, de uma total identificação entre Vargas e a nação, que podemos denominá-lo como um mito nacional e não apenas como um personagem mítico. E foi a esse mito nacional, portanto, que se recorreu na conjuntura da morte de Tancredo Neves.

Algumas considerações finais:

A constituição de uma imagem heroificada de Tancredo Neves constituiu-se num momento de crise profunda na sociedade brasileira, quando as esperanças em favor da democratização do país se associavam a diversas outras expectativas em favor da resolução dos graves problemas nacionais. Após mais de duas décadas de regime de exceção, a

¹⁴ Essa multiplicidade de sentidos é certamente um elemento importante para explicar a força do mito Getúlio Vargas (ver GIRARDET, 1987).

redemocratização do país foi acompanhada de um forte anseio pela consolidação dos ideais da chamada Nova República, que passou a ser cada vez mais encarnada na figura de Tancredo Neves. Entretanto, além da enorme e evidente importância das mudanças político-institucionais que estiveram na base das enormes esperanças cristalizadas em torno de Tancredo, outros aspectos como a recorrente associação de sua figura a determinados personagens históricos, como Tiradentes e Getúlio Vargas, podem ajudar na compreensão da construção de uma representação mítica em torno daquele personagem. Este, certamente, é apenas um dos aspectos a considerar para o enfrentamento do complexo fenômeno de constituição de uma imagem idealizada de Tancredo Neves. Dados os limites deste texto, entretanto, foi ele que procuramos explorar de modo um pouco mais detido.

Constituída em pouquíssimo tempo, a representação de Tancredo Neves como herói nacional podia se amparar em elementos recorrentes da memória política nacional: a tópica da morte em sacrifício pela nação antes associada às figuras de Tiradentes e Getúlio, uma visão glorificadora de uma suposta tradição libertária mineira e, mesmo, a interpretação trágica de uma história marcada por uma independência nacional nunca realmente alcançada são alguns deles. Somado a isso, sua recorrência às memórias de Tiradentes e Getúlio Vargas já tinham aberto espaços às associações e comparações com aqueles personagens conforme se pôde observar na conjuntura da sua morte. Paralelamente a esse processo de rápida constituição de sua memória heróica, reconstruía-se também uma determinada versão da história do país, cujo potencial simbólico possibilitava a percepção de um passado compartilhado, dando cabo de uma memória política com alto grau de identificação coletiva.

Bibliografia citada:

- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca de modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil. Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 490-558.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. A primeira República e as representações de d. Pedro II. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Thomaz (Org.). *História: narrativas plurais, múltiplas linguagens*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.
- MENDONÇA, Daniel de. *Tancredo Neves: da distensão à Nova República*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- MILLIET, Maria Alice. *Tiradentes: o corpo do herói*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SILVA, Vera Alice Cardoso, DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Tancredo Neves: a trajetória de um liberal*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SOARES, Luiz Eduardo. *Os Dois Corpos do Presidente e Outros Ensaio*s. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

VALENSI, Lucette. *Fábulas da memória: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.